

Protagonismo negro numa perspectiva afrocentrada

Elio Chaves Flores e Alessandro Amorim

UFPB, João Pessoa, Paranaíba, BR.

Resumo

O presente trabalho procura pensar o protagonismo negro em suas mais significativas formas de expressão, numa perspectiva afrocentrada. Apresenta a experiência estética e política de Solano Trindade (1908-1974), Abdias Nascimento (1914-2011) e Oliveira Silveira (1941-2009), como expressão de ativismo afrocentrado, no que se refere à maneira pela qual ações no campo da cultura e da política estavam baseadas na representação da África como o centro referencial ancestral, não universalista nem essencialista, bem como pelo estabelecimento de um paradigma cognitivo afrocêntrico, que vincula a ancestralidade africana à experiência diaspórica do negro na construção de um novo conhecimento sobre o mundo, a partir da experiência quilombista.

Palavras-chave: Afrocentrismo, Intelectuais negros, Cultura histórica

Resumen

El presente trabajo procura pensar el protagonismo negro en sus más significativas formas de expresión en una perspectiva afrocentrada. Presenta la experiencia estética y política de Solano Trindade (1908-1974), Abdias Nascimento (1914-2011) y Oliveira Silveira (1941-2009), como expresión de activismo afrocentrado, atendiendo a la forma por la cual acciones en el campo de la cultura y de la política estaban basadas en la representación de África como el centro referencial ancestral, no

universalista ni esencialista, bien como por el establecimiento de un paradigma cognitivo afrocéntrico que vincula la ancestralidad africana a la experiencia diaspórica del negro en la construcción de un nuevo conocimiento sobre el mundo, a partir de la experiencia palenquera.

Palabras claves: afrocentrismo, intelectuales negros, cultura diaspórica

Abstract

This research aims at reflecting on the leading performance of black people in their most significant forms of expression, from an afro-centered perspective. It presents the aesthetic and political experience of Solano Trindade (1908-1974), Abdias Nascimento (1914-2011) and Oliveira Silveira (1941-2009), as the expression of afro-centered activism, regarding how actions in the field of culture and politics were based on the representation of Africa as the center of reference in ancestry, neither universalist nor essentialist. As well as the formation of an afro-centered cognitive paradigm that links to the african ancestry to the experience of the black diaspora in the development of new study fields about the world, from the experience of quilombos.

Key-words: afro-centered perspective, black scholars, historical culture.

Introdução

Para falarmos do protagonismo negro em Solano Trindade, Abdias Nascimento e Oliveira Silveira, numa perspectiva afrocentrada, apresentaremos, inicialmente, o conceito de Afrocentricidade, ainda pouco conhecido, discutido e já muito polêmico. Ele nos remete tanto a experiência africana, quanto diaspórica, seja a partir do século IX, quando os árabes iniciaram o tráfico naquele continente, ou a partir do século XV quando os europeus inauguraram o tráfico atlântico.

O conceito é uma proposta teórica e uma abordagem epistemológica elaboradas pelo pensador afro-americano Molefi Kete Asante¹, a partir do seu livro *Afrocentricity: the theory of social change* (Afrocentricidade: a teoria de mudança social), de 1980. Segundo Asante, referir-se a África como o lugar da centralidade negro-africana-diaspórica, é buscar categoricamente no conceito “um tipo de pensamento, prática e perspectiva que percebe os africanos como sujeitos e agentes de fenômenos, atuando sobre sua própria imagem cultural e de acordo com seus próprios interesses humanos” (2009, p. 93).

Segundo Charles S. Finch III e Elisa Larkin Nascimento (2009, pp. 38-9), a proposta do pensador estadunidense deve ser entendida como a continuidade de uma longa tradição de estudos realizados por autores africanos e diaspóricos de língua inglesa que desenvolveram o que eles denominam de abordagem afrocentrada, por exemplo: o cientista e intelectual senegalês Cheikh Anta Diop; o historiador, lingüista e classicista congolês Théophile Obenga; os intelectuais haitianos Anténor Firmin, Pompée-Valentin (baron de Vastey), Louis-Joseph Janvier e Hannibal Price; entre outros. Há também uma série de “tratados e depoimentos elaborados desde o século XVIII por africanos submetidos ao holocausto da escravatura mercantil européia” (2009, p. 42). Nascimento e Finch III ainda enfatizam que:

Uma missão da abordagem afrocentrada recente é desvelar e estudar essa produção, negada e escamoteada por um Ocidente que se autodenominou o único dono da ciência. Outra missão é levantar, estudar e articular as bases teóricas e epistemológicas das expressões atuais da matriz africana de conhecimento, como a filosofia religiosa tradicional. A característica principal e o foco

central dessas duas missões é a agência dos africanos na própria narrativa (2009, p. 42).

Nos Estados Unidos, a Afrocentricidade começa a se firmar enquanto campo de estudos, a partir da obra *Introdução aos Estudos Negros*, de Maulana Karenga, que propõe aos afro-americanos a celebração da semana do Kwanzaa e seus sete princípios que fundamentam o que ele denomina de filosofia comunitarista africana. No Brasil, Elisa Larkin Nascimento nos apresenta, por meio de uma coletânea de textos sobre o tema, a obra *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*, de 2009, uma série de autores afrocentrados contemporâneos. Intelectuais e ativistas como Ama Mazana, Reiland Rabaka, Mark Christian, Charles S. Finch III, Abdias Nascimento, Vânia Maria da Silva Bonfim, Katherine Bankole, Wade W. Nobles, Mekada Graham, Asa G. Hilliard III e Maulana Karenga.

A afrocentricidade destes pensadores indaga os padrões de conhecimento que o Ocidente construiu sobre as histórias e as culturas africanas e diaspóricas, para postular a constituição de uma extensa rede de conexões entre o continente mãe e os diversos espaços de dispersão dos seus povos, através: da primazia anti-hegemônica do lugar (África); da crítica ao eurocentrismo; da ênfase na pluralidade do conhecimento; do nacionalismo pan-africanista; do seu protagonismo resistente, ligado sempre a luta antiescravista e antirracista; das suas ligações com a “matriz da filosofia religiosa e as tradições ancestrais” (NASCIMENTO, 2009, p. 40); da apropriação da língua e da linguagem do colonizador para melhor reagir a dominação; da utilização de línguas e linguagens originais ou próprias para falar sobre as tradições ancestrais.

Assim, diante dessa busca inicial pela compreensão deste conceito, procuraremos expor e problematizar as relações entre este e a produção de Solano Trindade, Abdias Nascimento e Oliveira Silveira. Afinal, como enfatiza o próprio Asante: “Afrocentricidade é a conscientização sobre a agência dos povos africanos” (NASCIMENTO, 2009, p. 94). Para enfatizar essa “tradução” da afrocentricidade no Brasil, optamos por trabalhar com o conceito de quilombismo que expressa a experiência da população negra no decorrer de nossa história. Essa não deve ser a história de 1500, de 1822 ou de 1888, mas a do 20 de novembro de 1695, dia em que as forças do colonialismo branco assassinaram Zumbi dos Palmares, um dos heróis negros da Diáspora.

O quilombismo de Abdias Nascimento

É uma teoria política e social que se baseia na experiência histórica comunal, Comunalismo dos quilombos que, embora tenha raízes na África, é uma experiência tipicamente americana, ainda com outros nomes no Caribe espanhol, inglês e francês, não tendo indícios de quilombos na África. No caso de Brasil a categoria analítica se baseia no processo histórico-cultural brasileiro das massas negro-africanas.

O quilombismo contém uma proposta de desconstrução do estigma elaborado durante o processo histórico colonial em torno do legado negro-africano. Estigma que visa apagar a memória do saber, do conhecimento científico e filosófico, das realizações dos povos de origem africana.

De forma simples, o quilombismo pode ser entendido como toda estratégia de sobrevivência física e mental, legalizada ou não, desenvolvida em benefício da

comunidade de origem africana, dos quilombos, passando pelas religiões de matriz africana até o movimento *hip-hop*.

Com efeito, é toda e qualquer cultura de libertação que derive imediatamente da experiência histórica dos africanos escravizados e seus descendentes, ou melhor, representa não só a busca da liberdade, como também, a orientação existencial através de uma organização sócio-econômica igualitária e democrática de inspiração africana.

O trabalho em questão visa trazer a luz do nosso conhecimento um pouco do protagonismo afro-brasileiro em busca da cidadania da população negra no Brasil. E falar de Abdias Nascimento é falar um pouco desse histórico protagonismo, que perdura até hoje.

Podemos dividir o protagonismo de Abdias Nascimento em dois momentos: o primeiro, no período de 1944 até 1968, um momento pedagógico de elevação da auto-estima da população negra e de conscientização da população branca para o problema do racismo brasileiro. É quando Abdias Nascimento apresenta o negro como sujeito ativo na formação da cultura nacional através do Teatro Experimental do Negro (TEN). Ou seja, do que podemos classificar como a experiência e dramaturgia do quilombismo desenvolvido pelo TEN. O Teatro Experimental do Negro foi um projeto artístico, social e político, que buscava a valorização e afirmação do negro na sociedade brasileira.

O segundo momento corresponde ao período de 1968 até a década de 1980: marcado por seu protagonismo internacional, quando expõe o racismo à brasileira, o mito da “democracia racial” e a teoria da mestiçagem nos congressos Pan-Africanistas nos Estados Unidos, no Caribe e na África, denunciando o genocídio físico e mental da população negra. Abdias Nascimento foi o primeiro negro

brasileiro a participar do movimento Pan-Africanista. É o momento não mais pedagógico, mas de embates, de lutas antirracistas nacionais e internacionais, o momento da elaboração dos seus escritos políticos.

O autor acredita que o conhecimento científico que a população negra necessita é aquele que possa formular teoricamente – de forma sistemática e consistente – suas experiências de quase quinhentos anos de opressão. Um conhecimento que possa sistematizar a busca pela emancipação do negro através do seu sistema de valores, no esforço de auto-definição e na procura de seus caminhos como sujeitos protagonistas dos seus futuros, proclamando a falência do colonialismo mental eurocêntrico. Abdias Nascimento escreve as seguintes palavras:

O negro tragou até a última gota os venenos da submissão imposta pelo escravismo, perpetuada pela estrutura do racismo psicossocial-cultural que mantém atuando até os dias de hoje. Os negros têm como projeto coletivo a ereção de uma sociedade fundada na justiça, na igualdade e no respeito a todos os seres humanos, na liberdade; uma sociedade cuja natureza intrínseca torne impossível a exploração econômica e o racismo. Uma democracia autêntica, fundada pelos destituídos e os deserdados deste país, aos quais não interessa a simples restauração de tipos e formas calcadas de instituições políticas, sociais e econômicas as quais serviam unicamente para procrastinar (adiar) o advento de nossa emancipação total e definitiva que somente pode vir com a transformação radical das estruturas vigentes. Cabe mais uma vez insistir: não nos interessa uma proposta de adaptação aos moldes de sociedades capitalistas e de classes. Esta não é a solução que devemos aceitar como se fora mandamento inelutável. Reinvenção de um caminho afro-brasileiro de vida fundado em sua experiência histórica na utilização do conhecimento crítico e inventivo de suas instituições

golpeados pelo colonialismo e o racismo. Enfim reconstruir no presente uma sociedade dirigida ao futuro, mas levando em conta o que ainda for útil e positivo no acervo do passado. (NASCIMENTO, 1980, p. 262).

Para Abdias Nascimento, seria preciso codificar a experiência do negro, sistematizá-la, interpretá-la e tirar desse ato todas as lições teóricas e práticas conforme a perspectiva exclusiva dos interesses das massas negras e suas respectivas visões de futuro, que ele chamou de “edificação da ciência histórico-humanista do quilombismo”. Nesse sentido, Abdias Nascimento acredita que a dinâmica do quilombismo se articula aos diversos níveis da vida coletiva, cuja dialética interação propõe e assegura a realização completa do ser humano. O quilombismo é descrito como a ciência do sangue e do suor que o escravizado derramou enquanto pés e mãos edificadores da economia do país. Uma teoria científica intimamente fundida à prática histórica da população negra, visando a salvação do povo negro, o qual vem sendo sistematicamente exterminado:

Assegurar condição humana das massas afro-brasileiras há tantos séculos tratadas e definidas de forma humilhante e opressiva, é o fundamento étnico do quilombismo. Deve-se assim compreender a subordinação do quilombismo ao conceito que define o ser humano como seu objeto e sujeito científico, dentro de uma concepção de mundo e de existência na qual a ciência constitui uma entre outras vias do conhecimento. (NASCIMENTO, 1980, p. 264).

O quilombismo de Solano Trindade (1908-1974)

Nascido no Recife no contexto dos primeiros vinte anos da pós-abolição, Solano Trindade

Vivenciou as duras realidades negro-africanas na primeira metade do século XX. Solano começa a escrever poesia afro-brasileira a partir dos anos de 1930 e atuar como ativista político e cultural, tornando-se um dos mais expressivos intelectuais negros de sua geração. Foi um dos fundadores da Frente Negra de Pernambuco, pois se preocupava o preconceito racial e com a ausência quase completa do elemento negro nas carreiras de ensino superior e de prestígio social.

Solano Trindade faz as suas despedidas do Recife, em 1941, com o lançamento de suas poesias na Associação dos Empregados do Comércio. Depois viaja numa terceira do Vapor Itapagé da Companhia Ita, fazendo um poema, *A terceira do Itá*, perdido nos seus desordenados apontamentos. Torna-se um freqüentador do bar O Vermelhinho, na Cinelândia, em frente a Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e Biblioteca Nacional.

No Rio de Janeiro, Solano Trindade atua na vida cultural e política e chega a ser preso pelo Estado Novo por ter feito e publicado o poema de crítica social, *O Trem Sujo da Leopoldina*, denunciando as duras condições de trabalho e deslocamento dos operários da capital da República. Ainda na década de 1940, participa da fundação do Teatro Experimental do Negro (TEN), ao lado de Abdias Nascimento, Ruth de Souza e outros artistas e intelectuais negros.

Como poeta e dramaturgo Solano Trindade se torna um pilar da cultura negra e da cidadania afro-brasileira. Foi criador do Teatro Popular do Negro e do grupo Brasiliana que viajou para a Europa. Suas viagens pelo Brasil foram freqüentes em busca de inspiração e realizando apresentações sobre a cultura negra. Publicou livros de poesia onde aparecem as tradições africanas e os heróis

negros esquecidos da história do Brasil.

Um de seus mais expressivos poemas, *Zumbi*, foi musicado por seu neto, Vitor da Trindade:

Zumbi morreu na guerra,
eterno ele será,
é justo e companheiro,
morreu pra libertar.
Zumbi morreu na guerra
Eterno ele será
Se negro está lutando
Zumbi presente está
Herói cheio de glória
Eterno ele será
À sombra da gameleira,
a mais frondosa que há (TRINDADE, 2008, p. 165).

Solano Trindade foi um dos precursores do quilombismo ao publicar na década de 1940 o poema *Canto a Palmares*, um épico dos feitos palmarinos:

Eu canto aos Palmares
sem inveja de Virgílio, de Homero e de Camões
porque o meu canto é o grito de uma raça
em plena luta pela liberdade!
...
O opressor
não pôde fechar minha boca,
nem maltratar meu corpo,
meu poema
é cantado através dos séculos,

minha musa
esclarece as consciências,
Zumbi foi redimido... (TRINDADE, 1981, p. 23, 28).

O quilombismo de Oliveira Silveira (1941-2009)

Oliveira Silveira, nasceu em Rosário do Sul (RS) no ano de 1941, formado em Letras pela (UFRGS), com especialização em língua francesa, o professor, poeta e pesquisador gaúcho, ficou conhecido nacionalmente pela defesa do dia 20 de Novembro, proposto inicialmente em 1971 pelo extinto Grupo Palmares, do qual o mesmo era integrante de maior projeção. Este grupo foi porta-voz da nascente data política para o Brasil, que adotava Zumbi dos Palmares (assassinado no dia 20 de novembro de 1695) como herói nacional, em busca da desconstrução do mito da liberdade concedida no dia 13 de maio de 1888 com a abolição da escravidão. Seria uma resposta negra, que durante todo o período da República, lutou pela denúncia da ação do racismo, do preconceito e da discriminação racial no Brasil.

Oliveira Silveira participou também de vários outros grupos negros, sendo um dos fundadores do grupo Razão Negra, da revista *Tiçã*, do grupo Semba Arte Negra e da Associação Negra da Cultura. Foi professor de língua portuguesa na rede estadual do Rio Grande do Sul e integrou o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPPIR) da SEPPPIR.

Em entrevista concedida aos pesquisadores Elio Chaves Flores, Alessandro Amorim, Arnaldo Sucuma e Kywza Fidelis, para o projeto Prolicen: *Margens do Atlântico: fontes para o estudo e o ensino em história da África contemporânea*, durante o II Encontro Nacional de

Estudos Culturais Afro-Brasileiros, na UFPB, em abril de 2007, Oliveira Silveira explica a criação do Grupo Palmares, fala da significativa importância da imprensa negra em prol da consolidação dos movimentos negros e suas lutas junto à opinião pública. Por fim, o poeta enfatiza a necessidade e a importância de se estabelecer um vínculo entre os interlocutores do continente africano com os escritores brasileiros, demonstrando intercâmbio e experiência de uma história comum.

Entre suas obras destacam-se: *Décima do Peão Negro* (1974), *Praça da Palavra* (1976), *Roteiro dos Tantãs* (1981), *Poema Sobre Palmares* (1987). Esse último poema, feito entre 1972 e 1987, explicita a sua verve quilombista, no sentido de reescrever uma nova história do Brasil a partir da visão negra:

Nos pés tenho ainda correntes
nas mãos ainda levo algemas
e no pescoço gargalheira,
na alma um pouco de banzo
mas antes que ele me tome,
quebro tudo, me sumo na noite
da cor de minha pele,
me embrenho no mato
dos pelos do corpo,
do sangue,
vôo nas asas negras
da alma,
regrido na floresta
dos séculos,
encontro meus irmãos,
é Palmar,

estou salvo !

...

Zumbi – nome gravado
A lança
Nos contrafortes da serra,
A sangue
nos contrafortes da história,
a fibra
na alma forte dos negros!

Palmar !

...

guarnecendo a memória dos teus
bravos !

Palmar !

arranquem todas as palmeiras
e mais se encravará
a raiz dessa memória,
quebrem os contrafortes
e não se abalará
tua glória,
queimem a história toda
e verão que és eterno !

Senhor historiador oficial,
deixe o sobrado, a casa-grande,
recue na linha do tempo,
mergulhe no espaço geográfico,
peça licença, limpe os pés,
se deixe abocanhar por um quilombo,
mastigar pelas choças,
meta-se no bucho do Palmar,

escute aí seu coração tambor
e veja o sangue digno
fluindo generoso
nas veias caudalosas.
Desde o alto da serra da Barriga
Olhe rumo ao litoral;
Veja num lado história, noutra escória.
Depois comece a contar.

...

Para Palmares veio negro
que não gemia nos açoites
E pelo mato escuro veio negro
que se escondeu na própria noite.
Pela selva fechada veio negro
para quem o Palmar foi clareira
No rastro uns dos outros vieram negros,
cães acuados farejando o cheiro.
E negro roubado a esmo
do cativo para a liberdade,
do senhor para si mesmo.

Calunga ficou no litoral
mas o supremo Nzambi,
o amuado Calundu
e o espírito bantu dos ancestrais,
deuses jejes,
divindades da costa da Guiné,
todos chegam logo
pra acompanhar seu povo, e houve fé.

...

E ressurgiu adiante, cerne

Do tronco de mais quilombos,
Um tal negro Kamuanga nesta mesma
Região dos Palmares,
O quilombo do Cumbe – Paraíba,
...
Em campos e cidades,
Em Luís Gama, Rebouças, Patrocínio,
Cruz e Sousa emparedado,
...
Frente Negra, imprensa negra,
João Cândido, Solano e Abdias,
...
Falsificaram os livros de história,
trocaram os heróis,
botaram máscara de carnaval
nos fatos,
botaram fogo nos documentos
do tráfico e do crime
e então ficamos sendo os que não vieram,
ficamos sendo os que não são,
ficamos sendo estas ruínas
em auto-reconstrução.

Mas a luta prossegue, estrada longa
abrindo seu próprio sulco
e picadas
rio longo cavando seu leito,
buscando uma foz.
A luta continua e é por isso
que este poema é um quilombo.

...

Quilombo de negro negro,
quem quiser que se negue
e se entregue.

Quilombo de negro pobre
e quiser que se acomode.

Quilombo de negro hoje
sem mato para refúgio.

Quilombo com outro nome
outra forma e mesma voz
libertária do homem.

Quilombo de quilombola
renascendo na seiva

Sangrenta
da história.

(SILVEIRA, 1987, p. 1-2, 13-14, 17).

Considerações Finais

Abdias Nascimento, Solano Trindade e Oliveira Silveira representaram a África na perspectiva oposta ao racismo eurocêntrico, mostrando-a como lugar de civilização, de instituições e valores fundamentais para a humanidade e, concomitante a isso, postulando representações e narrações valorativas da presença histórica da cultura negro-africana na formação do Brasil. Passaram a veicular que a única forma da população afro-brasileira se identificar e se reconhecer como tal era se aproximar de forma prática e simbólica da África ancestral e contemporânea. Dessa forma, eles romperam com o pensamento tradicional que representava África e a cultura afro-brasileira a partir de uma visão simplista baseada nos estereótipos racialistas, difusos desde o século XIX e

persistentes no regime republicano.

O protagonismo dos três autores foi fundamental para a constituição posterior de um movimento negro essencialmente político e afrocentrado, dando as suas contribuições para uma nova interpretação do Brasil, para além da visão eurocêntrica tradicional de nossa história, possibilitando uma interpretação negro-africana, a partir da experiência afrocentrada brasileira. Ou seja, a partir do que Abdias Nascimento chamou de quilombismo, e que embora Solano Trindade e Oliveira Silveira não utilizem a palavra, não há dúvidas que eles representem e retratem a cultura de resistência física e mental do povo negro brasileiro.

Deixaram como herança para as fases posteriores do movimento negro a valorização e a busca do legado africano, alinhado aos princípios do movimento da Negritude e do Pan-Africanismo, processos que associam a cultura e a política na dimensão da construção de uma unicidade negro-africana universal e passa a se utilizar e propor de forma efetiva através de mecanismos jurídicos e políticos, políticas públicas contra o racismo e para efetivação da cidadania plena da população negra.

Nota

1 Molefi Kete Asante (nascido em Valdosta, na Geórgia, em 14 de agosto de 1942), é professor do Departamento de Estudos Afro-Americanos da Universidade de Temple. Considerado por seus pares como um dos mais destacados estudiosos contemporâneos, Asante publicou 70 livros, entre os quais estão: *Maulana Karenga*, um retrato intelectual, de 2010; *Um Manifesto Afrocentrico*, de 2008; *Enciclopédia dos Estudos Negros*, co-editado com Ama Mazama, de 2004; *A História da África*, de 2007. Graduou-se no Oklahoma Christian College, em 1964. Concluiu seu mestrado na Universidade Pepperdine, em 1965. Já escreveu mais

de 400 artigos e ensaios para revistas e livros. Disponível: <<http://www.asante.net/biography/>>. Acesso em: 14 ago. 2010.

Referências audiovisuais

DRUMMOND, Afonso. *Abdias Nascimento*: um afro-brasileiro no mundo. [Documentário]. Produção de IPEAFRO, Arquivo Nacional e PUC-RJ. Brasil, Personas Produções, nov. 2004 a maio 2005. Narração de Afonso Drummond. 25 minutos, Documentário, P&B, Colorido.

Disponível em: < <http://aldeiagriot.blogspot.com/2008/03/documentrios-sobre-vida-de-abdias.html>>. Acesso em: 15 out. 2009.

GUEDES Alessandro e VIEIRA, Heder. *Solano Trindade*: 100 anos. [Documentário] .2008. Cores. Produção: Alessandro Guedes e Helder Vieira. Patrocínio: Funcultura. Fundarpe. Secretária de Educação do Estado de Pernambuco. Prefeitura da Cidade do Recife. Apoio: Rede Globo Nordeste.

McGRUDER, Aaron. *The Boondocks*. [Filme]. Produção de Aaron McGruder, Rodney Barnes e Brian J. Cowan. Estados Unidos, Rebel Base e Sony Pictures Television, primeira temporada, 6 nov. 2005 a 19 mar. 2006. 22 minutos, Animação, colorida, dublada.

Disponível em: < <http://aldeiagriot.blogspot.com/2009/05/boonedocks-um-desenho-afrocentrado.html> >. Acesso em: 15 out. 2009. Episódio 2, *The Trial of R. Kelly*, exibido em 13 nov. 2005. Sinopse: R. Kelly é levado à julgamento por ter urinado em uma garota menor de idade. Riley suporta Kelly, mas Huey está com a lei, separando-se de muitos membros de sua própria etnia, que defendem Kelly, apesar da esmagadora evidência contra ele. Episódio 12, *Return of the King*, exibido em 15 jan. 2006. Sinopse: Martin Luther King Jr. Sai de seus 32 anos em coma e é arrastado para um mundo muito diferente daquele que se lembra. Depois de ser condenado ao ostracismo e punido pelo mundo depois do 11 de setembro, por aplicar a sua filosofia de paz para o terrorismo, Huey o motiva para reviver o Movimento dos Direitos Civis através da criação de uma Black Revolution Party. No final do

episódio, uma voz sobre Huey afirma, “It’s fun to dream” (“Foi um sonho engraçado”), indicando que o episódio inteiro foi imaginário.

OLAVO, Antonio. *Abdias Nascimento: memória negra*. [Filme, Digital]. Produção da Portfolium. Brasil, 2008. 95 minutos, Documentário, Colorido.

Bibliografia

ASANTE, Molefi Kete. Afrocentricidade: notas sobre uma posição disciplinar. In: NASCIMENTO, Elisa Larkin (org.). *Afrocentricidade: uma abordagem epistemológica inovadora*. São Paulo: Selo Negro, 2009, pp. 93-110. (Sankofa: matrizes africanas da cultura brasileira; 4). [FOTOCOPIADO].

AUGEL, Moema Parente. A fala identitária: teatro afro-brasileiro hoje. In: *Afro-Ásia*, n. 24, 2000, p. 291-323.

DOMINGUES, Petrônio. *A nova abolição*. Selo Negro: São Paulo, 2008.

DOUXAMI, Chistine. Teatro Negro: a realidade de um sonho sem som. *Afro-Ásia*, n. 25-26, p. 2001, p. 313-363.

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. 2. ed. Global: São Paulo, 2007.

FERREIRA, Elio. Memória, construção de identidades e utopia em “Canto dos Palmares”, de Solano Trindade. In: *Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, danvergências*. 11, 2008, São Paulo, Anais... São Paulo: USP, 2008.

NASCIMENTO, Abdias. *O Brasil na mira do pan-africanista: o genocídio do negro brasileiro*. 2. ed. Salvador: EDUFBA/CEAO, 2002.

NASCIMENTO, Abdias. Teatro Experimental do Negro. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico e Nacional*. Org. Joel Rufino dos Santos. 1997, p. 71-81.

NASCIMENTO, Abdias. *O negro revoltado: escritos das décadas de 1950 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

NASCIMENTO, Abdias. *Sitiado em Lagos: Autodefesa de um negro acusado pelo racismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

NASCIMENTO, Abdias. *O Quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. Petrópolis: Vozes, 1980.

SEMOG, Ele; NASCIMENTO, Abdias, *Abdias Nascimento: o griot e as muralhas*, Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

SILVEIRA, Oliveira. Entrevista aos pesquisadores Elio Chaves Flores, Alessandro Amorim, Arnaldo Sucuma e Kywza Fidelis. *II Encontro Nacional de Estudos Culturais Afro-Brasileiros*. João Pessoa, LABORHIS (Laboratório de História), Abril de 2007.

SILVEIRA, Oliveira. Vinte de novembro: história e conteúdo. In: SILVA, Petronilha B. Gonçalves da e SILVÉRIO, Valter Roberto. (Orgs.). *Educação e ações afirmativas: entre a injustiça simbólica e a injustiça econômica*. Brasília - DF: MEC / INEP, 2003. pp. 21-42.

SILVEIRA, Oliveira. *Poema sobre Palmares*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1987.

SILVEIRA, Oliveira. *Roteiro dos tantãs*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1981.

SILVEIRA, Oliveira. *Praça da palavra, Poemas*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1976.

SILVEIRA, Oliveira. *Décima do peão negro*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1974.

SOUZA, Florentina. Solano Trindade e a produção literária afro-brasileira. In: *Afro-Ásia*. N.º 31. 2004, p. 277-293.

SILVEIRA, Oliveira. *Poemas antológicos*. Seleção e introdução de Zenir Campos Reis. São Paulo: Nova Alexandria, 2008.

SILVEIRA, Oliveira. *Cantares ao meu povo*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SILVEIRA, Oliveira. *Seis tempos poesia*. São Paulo: H. Mello, 1958.